

O espaço escolar: ambiente e ambiências nas crônicas da “Página de Educação” (1930-1933)

*Jussara Santos Pimenta**

Resumo

Esse trabalho busca entender como as crônicas de Cecília Meireles publicadas na “Página de Educação” do *Diário de Notícias*, entre 12 de junho de 1930 e 12 de janeiro de 1933, contribuíram para divulgar e difundir as inovações introduzidas pelos reformadores Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, no que se refere à organização do espaço escolar do Distrito Federal e como, através dos seus artigos, a educadora jornalista discutiu, criticou, debateu, apontou e estimulou a mudança dos rumos da educação entre educadores, intelectuais e opinião pública cariocas. Foram utilizadas, como fontes documentais, as “Crônicas de Educação” de Cecília Meireles, publicadas no *Diário de Notícias*, período que coincide com o final da Reforma Fernando de Azevedo e os anos iniciais da Reforma Anísio Teixeira.

Palavras-chave: Cecília Meireles; Escola Nova; Cultura Material; Arquitetura Escolar.

Percorrer as escolas do Distrito Federal é, de certo modo, auscultar a própria vida do Brasil. A escola é que sempre nos dirá o que somos e o que seremos. Ela é o índice da formação dos povos; por ela se tem a medida das suas inquietudes, dos seus projetos, das suas conquistas e dos seus ideais.

(Cecília Meireles - Diário de Notícias, 16/12/1932)³

Composto de várias seções – política nacional e internacional, economia, esportes, assuntos femininos e culturais –, o *Diário de Notícias* foi o primeiro jornal do país a se interessar pela educação, tendo uma página totalmente dedicada ao assunto⁴. A “Página de Educação” era diária e trazia três matérias jornalísticas principais, além de uma coluna denominada “Comentário”. O início da “Página” coincide com o dia da fundação do jornal. Contava com colaboradores como Frota Pessoa, que havia ocupado o cargo de Secretário Geral da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1926-1930), Carlos Lacerda, então jovem jornalista, o professor de Desenho da Escola Normal de Santiago do Chile (o uruguaio Gerardo Seguel), e mais esporadicamente, com outros educadores como Attilio Vivacqua, Secretário de Instrução do Espírito Santo, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, que vieram a conceder entrevistas, publicar conferências e assinar mais tarde muitos artigos. Em seus quase três anos de existência⁵, a “Página de Educação” passou por muitas modificações. Cecília tratou de afirmar suas posições ideológicas e filosóficas, preocupando-se em difundir o ideário da Escola Nova e marcar a posição dos principais reformadores do momento. Escrevia sobre arte, feminismo, fraternidade universal, revolução, nacionalismo, leitura, livros e literatura infantil. Espaço onde, entre tantas questões, a educadora jornalista discutia o estado em que se encontrava a educação no Distrito Federal, a situação de suas escolas: o abandono, a escassez, a precariedade da estrutura física e até mesmo a banalidade da sua decoração. Destacava a necessidade de compatibilizar a transformação do ambiente físico à mudança de atitude dos

professores, cabendo as estes agirem simultânea e solidariamente na obra de reconstrução pedagógica. Também procurava discutir como as transformações implementadas no âmbito da Reforma Anísio Teixeira (entre 15 de outubro de 1931 e 02 de dezembro de 1935) repercutiram no espaço escolar do Distrito Federal: como foram concebidas, como se efetivou essa política de edificações escolares, como esse novo modelo escolar procurou se adequar às conquistas pedagógicas que a escola passava agora a exigir, como foram realizadas e recebidas pela comunidade educacional do período.

Para se entender as intervenções que a cronista Cecília Meireles faz sobre a produção arquitetônica oficial do Distrito Federal, notadamente aquela executada na gestão de Fernando de Azevedo e de Anísio Teixeira, o estudo de SISSON (1990) apresenta importantes subsídios. Conquanto não tenha como objetivo precípuo a análise da articulação existente entre discurso e materialidade⁶, a autora apresenta um inventário arquitetônico de prédios⁷ do Rio de Janeiro utilizados como escolas de primeiro grau, existentes entre 1870 e 1945, relacionando os aspectos estilísticos e construtivos, de sub-tipos funcionais, de aspectos histórico-cronológicos e da localização no espaço urbano, como critérios para a delimitação dos conjuntos arquitetônicos. A partir do seu trabalho, é possível acompanhar de que forma a construção dos prédios escolares refletiram a preocupação oficial com as exigências da pedagogia, da arquitetura e da higiene modernas e que foram explicitadas em relação à localização, à estrutura e à introdução de dependências que não as exclusivamente destinadas às aulas: gabinetes médicos e dentários, bibliotecas, pátios, laboratórios, museus escolares, etc.

(...) casa suja, velha e acanhada, com móveis partidos, quase sempre desajustados à altura das crianças, com vidros furados, teto fendido, escadas desmoronando-se, excesso de poeira, falta d'água, e muitas vezes falta de ar e falta de luz. Isso são coisas que precisam ser sentidas de perto. E há muita gente ilustre, e que certamente

trabalha imensamente pelo Brasil, mas que não passou pela tristeza de conhecer uma escola primária por dentro, porque, em muitos casos, nem a infância a frequentou (MEIRELES, 22/12/1932).

O professor pode fazer muito. Pode fazer quase tudo. Mas existem, no Distrito Federal, escolas que parecem ter por função exclusivamente a de esgotar, deprimir, humilhar o professor (MEIRELES, 16/11/1932). A situação das escolas do Distrito Federal, que Cecília Meireles fazia questão de debater na “Página de Educação”, era um problema que há muito vinha preocupando literatos, cronistas sociais, políticos, jornalistas e, sobretudo, educadores. Segundo Nunes (1996:2), era caótica a situação dos prédios escolares na capital política do país entre os anos de 1910 e 1935. As escolas funcionavam em locais improvisados onde faltavam condições mínimas de higiene, conservação e localização: em cima de botecos, de açougues, de farmácias com grande movimento de doentes, em porões, em pequenas casas onde faltavam ar, luz e, principalmente, água. O próprio Carneiro Leão admitiu, em seu relatório, que no período em que esteve como Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, entre 1922-1926, apesar de seus esforços, a situação da escola pública deixava muito a desejar (NUNES, 1985:99). Com o aumento dos aluguéis, a prefeitura cancelou muitos contratos e o número de prédios que chegara a 310, em meados da década de 10, caiu para 179 em 1926. A solução encontrada foi a adoção do duplo turno e a redução da jornada diária de cinco para quatro horas. Nunes (1985:100) revela o pitoresco e o inusitado presente no relatório de Carneiro Leão (1926:181-2), do caso de professores *que matriculavam crianças em troca de algumas latas de água trazidas por elas, diariamente, à sua residência no morro.*



ILUSTRAÇÃO

MEIRELES, Cecília. Percorrendo as escolas do Distrito Federal. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 19 de novembro de 1932. (Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro)

A Reforma Fernando de Azevedo, de janeiro de 1927 a outubro de 1930, sempre obteve posição de destaque na “Página de Educação”, em parte pela amizade e pela comunhão de idéias que uniam os dois educadores. Embora o período das crônicas recaia sobre o final da gestão de Fernando de Azevedo, Cecília Meireles sempre franqueou o espaço do jornal para a publicação das idéias e experiências do educador. Essa reforma foi responsável pela implementação no cenário educacional carioca de técnicas e

processos escolares, que acabaram por repercutir em outros estados brasileiros. Durante essa administração, a aprovação da *Lei de Ensino*, de 1928 possibilitou a realização do recenseamento escolar, a estruturação da carreira do magistério e a proibição da adaptação de residências particulares para abrigar escolas, bem como a assinatura de dezesseis contratos para a construção de prédios escolares. Mais que uma *tentativa de solucionar os problemas da demanda escolar existente e controlar os acessos da política eleitoreira dos intendentes*, de acordo com Nunes (1996:16), a construção dos novos prédios trazia implícito o desenvolvimento de uma nova mentalidade que distinguiu, *na tarefa educativa, as funções da família e da escola*, e o trabalho pedagógico aparecia como *predominantemente cívico*. Além de privilegiar a função social da escola, promoveu o seu enriquecimento interno e o alargamento de seu raio de ação. Buscou a transformação material do aparelho escolar através de um programa de edificações para atender com qualidade às necessidades pedagógicas. Para os novos prédios escolares previa a inclusão de gabinetes dentário e médico, laboratório, biblioteca e museu escolar⁸. Para Fernando de Azevedo, em conferência proferida em São Paulo e publicada pela “Página de Educação” em 12/03/1931, essa remodelação não deveria ficar circunscrita apenas às exigências pedagógicas mais imediatas, mas desenvolver no aluno, através da arte, *um dos poderosos instrumentos de transformação social*, um senso estético mais apurado⁹.

(...) a começar pelo próprio ambiente da escola, em que, das linhas arquitetônicas à moldura dos jardins, da paisagem envolvente à decoração interior, tudo possa servir às sugestões da ordem e da harmonia e contribuir assim para despertar e desenvolver, na idade mais acessível e plástica, o sentido da beleza e da arte. A escola não realiza o seu fim primário, essencial e comum, de tornar sensível a alma da criança às incitações da natureza, – o nosso primeiro mestre, da moral e da arte, – senão proporcionando à mocidade das gerações novas um ambiente que seja, na sua eloquência muda, uma lição permanente de beleza, de gosto e de conforto. (...)

proporcionar à personalidade infantil meio favorável à sua formação integral, chamando os olhos, para recreá-los e educá-los, à observação da beleza, no equilíbrio das proporções, na harmonia do conjunto e no gosto do detalhe, na propriedade da decoração e no encanto dos cenários naturais (AZEVEDO, 12/03/30).

Segundo o educador, a educação, *para se conformar com o verdadeiro sentido da vida*, tinha de ser *prática, ativa e dinâmica, intimamente relacionada com os problemas sociais e industriais*, não deveria se basear apenas na filosofia pragmática, *de base econômica e critério estreitamente utilitário*. O plano educativo deveria conter tudo o que proporcionasse a elevação do espírito, que pudesse ser utilizado para provocar alegria e a compreensão da beleza. Entretanto, a elevação do espírito não adviria somente da visão do belo. A criação de espaços culturais na escola tinha como meta alargar os horizontes da infância, sendo lugares especiais onde a música, o desenho, os trabalhos manuais, a dança e o teatro fossem privilegiados. As artes deveriam ocupar lugar de proeminência nas escolas primárias e não deveriam ser estimuladas apenas como divertimento nos programas de festas e reuniões, mas incorporar-se ao *sistema de educação popular como um dos principais fatores educativos e uma das mais poderosas forças de ação, de equilíbrio e de renovação da coletividade* (AZEVEDO, 12/03/30). Quanto às determinações que foram observadas em relação aos prédios escolares, projetados e elaborados sob a sua direção, o educador lembrava que a sua política de educação havia introduzido no Brasil uma nova política de edificações escolares¹⁰.

Para a escola nova, instalações novas. Podia parecer à primeira vista que a construção de escolas, conforme a arquitetura tradicional, colidia com o espírito francamente revolucionário da reforma, com que mais se harmonizava a arquitetura moderna, livre de qualquer tradição. Mas esta solução não indicava apenas a necessidade política de congregar, no ambiente da escola,

todos os elementos tradicionais, capazes de vincular as novas gerações, num povo em formação, à sua terra, à sua gente e aos seus antepassados. Se é verdade que um indivíduo na civilização atual, se vai subtraindo cada vez mais às influências de determinado agrupamento, para se submeter, como cidadão do mundo, às influências universais, não é menos verdade que o único meio de cultivar a nossa personalidade, é enraizá-la na tradição nacional, é nutrir a nossa alma da alma daqueles que nos antecederam sobre a terra hereditária, é continuá-los e prolongá-los. Longe de entrar em conflito com a escola nova, a nova política de instalações escolares se subordinava também por esta forma a um dos princípios fundamentais, “o princípio do meio imediato”, segundo o qual se deve assentar a base da educação, como uma verdadeira ciência da vida e da pátria, na experiência da vida regional e no conhecimento do meio ambiente, das coisas da tradição e das atividades circundantes (AZEVEDO, 12/03/30).

Ressaltava, ainda, que as escolas, edificadas dentro da tradição da arquitetura nacional, ou de acordo com uma arquitetura mais avançada alheia a qualquer tradição, deveriam ser sempre, além de obras que correspondessem a todas as exigências técnicas, *obras de arte que cumprissem a todas as exigências do gosto e da cultura.*

Cecília Meireles tornara a “Página de Educação” um dos maiores aliados das idéias escolanovistas. Os assuntos da Nova Educação não deveriam ser dirigidos apenas à escola, à criança e ao professor, teria que se estender à família, à sociedade, ao povo, à administração. *Ela está onde está a vida humana, defendendo-a, justamente, dos agravos que sobre ela deixam cair os homens que se converteram em fantoches, movidos por interesses inferiores, esquecidos das altas qualidades e dos nobres desígnios que definem a humanidade, na sua expressão total* (MEIRELES, 23/09/1930). Em *Comentário* do dia 09 de dezembro de 1930, a educadora discorria sobre a necessidade de construção urgente de novos edifícios, que vinham sendo construídos até aquele momento por critérios que se subordinaram sempre à concepção que se fizera da educação. No

momento, esta era entendida para além da mera alfabetização. Não era de edificações numerosas *apenas subordinadas a meia dúzia de regras preliminares de higiene* que se fazia necessário. A Nova Educação não poderia ser realizada com arranjos de qualquer espécie, (...) *mas de prédios ajustados às necessidades e à prática da escola definida pela Reforma de Ensino*¹¹. Era preciso ter uma solução justa e refletir convenientemente o problema, *porque pelo simples fato de se fazer um edifício bonito, não se pode esperar ter resolvido a questão*. Não se tratava de urbanismo, mas de educação e esta não prejudicaria jamais o urbanismo. Para Cecília, era de se temer que este prejudicasse a educação.

Não é supérfluo, neste momento único da história do mundo, - em que tudo se volve para a criança como para uma esperança imortal, e tudo a deseja servir, convenientemente, - que a arquitetura pedagógica, quer na parte propriamente de ambiente, quer na de utilização, esteja devidamente esclarecida pelo espírito da época, e perfeitamente orientada nas suas intenções (MEIRELES, 09/12/1930).

Não era apenas a situação material dos prédios escolares que preocupavam a educadora. Em *O ambiente escolar, Comentário* do dia 25 de novembro de 1930, trazia aos leitores as principais idéias debatidas durante uma conferência proferida pelo professor Rodolfo Lopes. O ambiente escolar era fator de importância na formação da personalidade da criança e estimular-lhe-ia a vida profunda. *Que não se diga nunca: o aluno não tem dessas preocupações. Sim, ele as tem, no mais profundo de sua vida. Tem-nas informes, como uma aspiração que não se formula* (MEIRELES, 25/11/1930). O ambiente moral também influía na formação da criança e cabia ao professor induzir os alunos a atitudes dignas sem, entretanto, lhes fazer discursos sobre o caráter. *Dentro da escola bonita, limpa, decorada, não cabe senão o professor verdadeiro, sincero, puro, que sente, pensa e age em linha reta. O que não for assim não poderá enfrentar sem remorso a infância: porque lhe vai servir de ambiente nocivo e deformador* (MEIRELES, 25/11/1930).

Em 31 de agosto de 1931, Cecília chamava a atenção para a necessidade de uma escola atraente também para os professores. Se era interessante que as crianças encontrassem um ambiente agradável, sugestivo, rico de inspirações, esse mesmo ambiente deveria estar presente no dia-a-dia do professor. Se as paredes sujas, os enfeites fora de moda exerciam ação perniciosa sobre as crianças, esse mesmo cenário também afetava o professor. *Quantos professores, ainda hoje, não irão à escola sob o peso, a atuação do dever, duro e sombrio como uma condenação?*

Deixam a sua casa florida, alegre, clara, onde a vida também canta, sedutoramente. Encontram a escola com o conjunto das suas hostilidades: o relógio feroz, que não perdoa os atrasos do bonde; o livro de ponto ferocíssimo, com a sua antipática roupagem de percalina preta e a sua sinistra numeração, pela página abaixo... De toda a parte surgem objetos detestáveis: régua, globos poeirentos, borrachas revestidas de madeira, tímpanos, vidros de goma arábica, todas essas coisas hediondas que se convencionou fazerem parte integrante da fisionomia da escola, e que são acreditadas indispensáveis e insubstituíveis. Coisas mortas. Coisas de outros tempos. Coisas que se usaram nas escolas de nossos avós e de nossos pais. Não se pode pensar em familiaridade, em proximidade infantil, em vida nova, em educação moderna, no meio dessa quantidade de mata-borrões, de mapas com demarcações arcaicas, de balanças que não funcionam, de moringas com o gargalo quebrado, de caixinhas de sabonete para guardar giz, e das coisinhas armadas nas tabuinhas dos armários chamados museus, nas quais não se pode bulir para não estragar, e que tem um rotulozinho em cima, tal qual os vidros de remédios (MEIRELES, 31/07/1930).

Todas essas situações descritas por Cecília Meireles estavam em completo desacordo com os preceitos da Nova Educação, cuja proposta pedagógica, calcada nos métodos ativos de ensino, requeria condições materiais diferentes daquelas que atenderam a educação tradicional. A educadora conclamava os professores a aderirem a

pôr fora *essas coisas velhas*, a modificarem não apenas o espaço físico das suas salas de aula, mas a realizarem, simultaneamente, uma reforma de mentalidade. Em *A escola para as crianças*, de 23 de novembro de 1930, atentava para o equívoco dos professores em realizar coisas modernas mas sem significação, ou seja, não adiantava *tomar todas aquelas atitudes de que já ouviram falar nos tratados e conferências pedagógicas* – livros coloridos, correspondência infantil, arrumação convergente das carteiras, modelagem, bibliotecas, etc. – se não se entendia bem a

significação de todas essas coisas, aquela significação que lhes deu origem, não para criar, vaidosa e inutilmente, uma aparência de escola diversa da antiga, um ambiente exótico, uma fantasia ou uma brincadeira de gente que procura “originalidade”, - esse terrível escolho que faz soçobrar as aspirações medíocres (MEIRELES, 23/11/1930).



ILUSTRAÇÃO

MEIRELES, Cecília. Percorrendo as escolas do Distrito Federal. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 22 de novembro de 1932. (Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

Nos últimos meses do ano de 1931, a “Página de Educação” levava, diariamente, aos seus leitores os bastidores da sucessão para o cargo de Diretor de Instrução do Distrito Federal. Os educadores e todos aqueles que acreditavam na Reforma Fernando de Azevedo exigiam um dirigente que fosse continuador dessa obra. Entre os possíveis candidatos, chegou-se a cogitar os nomes de Paulo Maranhão e Theodoro Ramos, que acabaram por declinar do convite. Para Cecília Meireles, era grande a responsabilidade de se nomear um diretor de instrução pública para o município que tivera a Reforma Fernando de Azevedo. O substituto de Azevedo, esperava-se, deveria ser alguém que desse continuidade a suas realizações. Cecília admitia a possibilidade de haver *inúmeros* candidatos ao cargo, que tanto poderiam ser médicos, amigos do interventor Pedro Ernesto, quanto *uma dúzia de tenentes, belicosos, disciplinados, magníficos elementos em qualquer transe militar*, porém, como os outros candidatos, *completamente alheios à obra de educação* (MEIRELES, 07/10/31). Finalmente, em 08 de outubro de 1931, anunciou em sua coluna a nomeação de Anísio Teixeira para o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública. A posse do novo diretor aconteceu somente no dia 15 de outubro de 1931. O ciclo administrativo que se iniciou com Antônio Carneiro Leão e Fernando de Azevedo agora teria continuidade. Em seu discurso de posse, Anísio dizia ter consciência de suas *grandes responsabilidades* por estar à frente da Diretoria de Instrução, que teve diretores de *reconhecida eminência intelectual*. Porém, reconhecia que a obra não estava completa, precisava de *adaptação e realização*, bem como da *contribuição de outros técnicos para vir a realizar-se*. Atentava para o fato de que não cabia mais fazer educação por meio de *conjeturas*. A autoridade pessoal deveria ceder lugar a procedimentos mais seguros, mais objetivos e mais científicos (TEIXEIRA, 1932:75-76). Em 17 de outubro de 1931, às 10 horas da manhã, Anísio Teixeira concedeu uma entrevista à Cecília Meireles. Nela, elogiou a obra de Fernando de Azevedo e falou das principais providências a serem tomadas com vistas a dar ao magistério *elementos que lhe proporcionem todas as facilidades para o esclarecido cumprimento do seu dever* (MEIRELES, 17/10/1931).

O novo diretor traçou seu plano educacional, que segundo ele não se tratava de nenhuma reforma, mas apenas da *reorganização do seu aparelho central de administração e coordenação, de um alargamento da compreensão do ensino público municipal*. Esse plano incluía: a *adoção de cursos secundários gerais*, não oferecidos pelo Distrito Federal (o que trazia conseqüências indesejáveis como o isolamento e a desarticulação entre o sistema municipal e os sistemas estaduais e federais); a *instituição de centros de estudos*, visando ao aperfeiçoamento do magistério; à criação de *bibliotecas para professores e à instalação de escolas experimentais*, bem como outras medidas que se *fizessem necessárias para solucionar os problemas do magistério e o seu melhor aproveitamento*. Essa exposição de motivos foi apresentada ao interventor Pedro Ernesto e acompanhava o texto do Decreto de 28 de janeiro de 1932 (TEIXEIRA, 29/01/32).

Como seu antecessor, Anísio apresentou uma nova política de edificações escolares. Previa a construção de unidades mais simples e econômicas e que estivessem localizadas nos bairros de maior concentração populacional e mesmo naqueles mais periféricos. Dessa forma, seria possível atingir e atender, de forma racionalizada, a demanda escolar existente na Capital Federal.

Vai o Distrito Federal corrigindo, desse modo, a estranha convicção de que o ensino seria fenômeno puramente espiritual, que se realizasse milagrosamente, por contatos misteriosos entre a mente do professor e a do aluno. A idéia de que se educa de qualquer forma, debaixo das árvores ou em casebres e galpões, é um dos resíduos mais alarmantes da velha idéia, puramente intelectualista, do ensino, idéia que, em educação popular, se reveste das roupagens místicas da alfabetização salvadora. Em pleno Rio de Janeiro, vemos registradas gravemente nos jornais, todos os dias, notícias espantosas de *fundação de escolas* sem prédio, sem instalação, em salas cedidas, em águas-furtadas, verdadeiras “favelas escolares” que a sociedade aprova como qualquer coisa honesta e boa, que espíritos benfazejos estão distribuindo pela cidade. São

sobrevivências inevitáveis da mentalidade de “paternalismo”, “filantropia” e “proteção” aos pobres, que nos ficaram das idades em que se julgavam imóveis as classes e intransferíveis os seus direitos e privilégios (TEIXEIRA, 1977:246).

Todos os prédios deveriam possuir boas condições de iluminação, aeração e asseio, além de conter salas especiais de ensino, salões gerais de auditório, bibliotecas, salas de administração e outros serviços. O plano de edificações escolares previa a construção de 74 novas unidades escolares, a ampliação de 16 prédios e o aproveitamento de 25 prédios existentes. Foram construídos 25 novos prédios em vários bairros, escolhidos segundo a demanda da população e a facilidade de transporte coletivo. O sistema de edificações escolares, proposto por Anísio Teixeira, foi inspirado no sistema americano. Segundo Chaves (2003), a estruturação do Sistema *Platoon* deveu-se às experiências implementadas por William Wirt em Gary, Indiana, em 1912, que, *desejando um melhor aproveitamento tanto do tempo quanto do espaço escolar*, [criou] *pelotões de alunos que não teriam salas fixas, mas circulariam entre elas a partir de um horário pré-estabelecido. A reforma anisiana, a mais criativa, corajosa e também controversa administração de ensino como jamais se verificara no país* (LEME, 1988: 121), abandonou a monumentalidade exibida nas reformas anteriores em prol da praticidade, funcionalidade e da modernidade. Se o objetivo era democratizar a educação, havia que se ter escolas onde ela pudesse se efetivar. Para obter um panorama da situação das escolas do Distrito Federal, Anísio realizou um inquérito, em 1932, que revelou que *dos 79 prédios municipais, apenas 12 podiam ser conservados, 32 deviam ser adaptados, reformados, ampliados ou totalmente reconstruídos, e 35 condenados, devendo ser utilizados para qualquer outro fim, menos para escolas* (TEIXEIRA, 1977:240).

Um escritor francês dizia-nos, outro dia, em uma conferência, que o homem do povo desejava que as idéias

tivessem pés e asas, pés para se apoiarem no imediato cotidiano da vida e asas que lhes permitissem acalentar os grandes sentimentos e aspirações que os seus corações singelos abrigam, a despeito dos desmentidos violentos do momento. A comparação se aplica ao caso dos prédios escolares. Não desejamos palácios luxuosos, mas construções econômicas e nítidas que apóiem, com uma simples e forte base física, a obra educacional entrevista pelos que alimentam os ideais de uma reconstrução da própria vida pela escola (TEIXEIRA, 1977:247-248).

Apesar de todas essas conquistas da nova administração, Cecília Meireles continuava a promover o debate acerca das condições materiais e pedagógicas das escolas cariocas. Em 1932, a “Página de Educação” trouxe uma série de artigos intitulados “Percorrendo as Escolas do Distrito Federal”. Cecília e uma equipe do *Diário de Notícias* visitavam, fotografavam e entrevistavam diretoras e professoras. Através dessas visitas e entrevistas, a educadora pôde detectar os descompassos entre o projetado e a sua concretização. Verificou que, apesar de todos os esforços envidados por parte da administração e dos professores, havia uma realidade muito mais complexa e cheia de obstáculos que desafiava constantemente todos aqueles que acreditavam no movimento de renovação educacional. No dia 19 de novembro de 1932, a equipe visitou a Escola Barth. Cecília observou, logo no início da reportagem, que o prédio da escola havia sido construído com *esse mau gosto que fez época entre nós, e a que se poderia chamar o “estilo municipal”* e que quase todos os prédios que conhecia possuíam *essas fachadas com reentrâncias e saliências, como tijolinhos de doce, geralmente em dois tons, um dos quais é exatamente igual a goiabada*. Quanto às salas, verificou que eram *amplas, arejadas e claras*, mas a escola não possuía pátio, *apenas uma estreita faixa cimentada, para esse fim e para o serviço do Copo de Leite*¹². *A ginástica, diz-nos a diretora, é feita fora da Escola, ali perto da estátua de Eça de Queiroz* (MEIRELES, 19/11/1932).

Observou que todos os serviços destinados ao atendimento dos alunos funcionavam a contento: o Copo de Leite, a Caixa Escolar¹³, o gabinete dentário e serviço médico, o Círculo de Pais, o Grêmio Infantil, Cinema, Cooperativa, Biblioteca e o Museu. Anotou algumas queixas formuladas pela diretora durante a despedida: as insuficiências do prédio, a falta de atenção e entusiasmo das crianças e a necessidade de contar com estagiárias, uma vez que a escola dispunha exclusivamente de uma professora para cada classe (MEIRELES, 19/11/1932).

Durante a visita à Escola Deodoro, em 22 de novembro de 1932, anotou a existência dos mesmos serviços para o atendimento aos alunos e destacou a gentileza e a atitude mais otimista da diretora. Mas chamava a atenção dos leitores para a sala onde tinha sido recebida e para o problema do pátio, semelhante ao da Escola Barth.

Esta grande sala é a primeira à direita, no andar térreo, de um grande edifício de três pavimentos, que peca exatamente pelo tamanho excessivo das salas, pela largura dos corredores, pelo excesso de luz, e – ao contrário – pela mesquinhez do pátio de recreio, que mal comporta os alunos do estabelecimento (MEIRELES, 22/11/1932).

Durante o tempo que permaneceu no *Diário de Notícias*, Cecília Meireles fez repercutir, para além dos limites do Distrito Federal, o ideário da Nova Educação. A “Página de Educação” tornara-se uma “vitrine”, um centro difusor das inovações introduzidas pelos reformadores. Chaves (2001) atenta para o fato de que ambos os empreendimentos, a reforma anisiana e a “Página de Educação”, serviram-se um do outro: enquanto Anísio Teixeira tinha, através do jornal,

oportunidade de tornar público para a cidade as suas idéias educacionais, esta mesma coluna [compunha] os seus artigos com base nessa realidade educacional que o próprio educador baiano pretendia reformar.

Tanto os problemas quanto as soluções para a situação precária das escolas, que não pertenciam somente à capital da República, mas que eram de todas as escolas públicas do país, foram debatidos, incansavelmente, pela educadora que vislumbrava a redefinição do campo educacional brasileiro. Todas as questões foram levadas ao público leitor: o abandono e a precariedade da estrutura física, a necessidade de compatibilizar a transformação do ambiente físico à mudança de atitude dos professores, a política de edificações escolares, as conquistas pedagógicas, os obstáculos encontrados pelos reformadores, a dificuldade encontrada pelos professores em compatibilizar o aprendizado com as práticas fixadas pela rotina.

Cada uma das pessoas diretamente ligadas ao problema educacional, no Brasil, sabe que ele não é para ser resolvido em dois ou três anos, tais as exigências que lhe são inerentes, tais as dificuldades encontradas para atender aos seus detalhes, sem prejuízo para a obra de conjunto. (...) Para se definir entre nós, a Nova Educação teria, naturalmente, de abalar todas as rotinas que sustentavam com seus ritmos tranqüilos a nossa ilusão educacional. Ritmos tranqüilos de peito que dorme, enquanto as horas correm sobre a insensibilidade do sono, e os panoramas se vão também transformando em redor (MEIRELES, 12/06/1932).

Com a leitura das crônicas da “Página de Educação” é possível entrever as diferentes concepções de educação que estavam presentes naquele momento, e os projetos de modernização do espaço escolar que foram implementados. Também podemos perceber como as transformações nascidas no âmbito das reformas educacionais repercutiram no espaço escolar do Distrito Federal: quais os programas educativos implementados pelas reformas oficiais, como foram recebidos pela comunidade educacional do período, de que forma esses discursos educacionais foram apropriados pelos diferentes atores na implementação de suas práticas e mesmo as suas dúvidas, os seus acertos e até mesmo os seus equívocos.

As crônicas são também ricas em referências aos objetos físicos e materiais da escola: a sala de aula, o mobiliário escolar, o material didático, que, segundo HERNANDEZ (2002:225), *hablan tanto o más, que las propias palabras o gestos del maestro o de los niños*.

Finalmente, as impressões que a cronista leva diariamente aos seus leitores – educadores, intelectuais e opinião pública cariocas – nos permitiram compreender que a escola, em suas diferentes concretizações, *é um produto de cada tempo, e suas formas construtivas são, além dos suportes da memória cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas* (ESCOLANO, 1998:46). Os signos indiciários que deixou entrever ofereceram suporte para que possamos interpretar não só a configuração arquitetônica, mas a ordenação espacial de pessoas e objetos, de usos e funções que tiveram lugar na escola que ela descreve. Em suma, as crônicas da “Página de Educação” nos permitiram observar que:

Todo ello, el lugar y los objetos, los espacios y las formas relacionadas con la escuela, nos dice cosas de los protagonistas de la escuela de ayer, de su cultura escolar, nos informa del pasado de la escuela y sus maestros, de sus niños y familias, del proyecto educativo de la sociedad del momento, de los intereses de la política educativa hegemónica (HERNANDEZ, 2002:246).

Notas

¹ Doutoranda em Educação. Bolsista: CNPq. Concluiu o mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2001. Cursa doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 2004. Atua na área de Educação, com ênfase em História da Educação. Em suas atividades profissionais interagiu com 19 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Em seu currículo Lattes, os termos mais freqüentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Cecília Meireles; Escola Nova; Biblioteca Infantil; Reforma do Distrito Federal; Pavilhão Mourisco; Anísio Teixeira; Educação; Educação Fundamental; Literatura Infanto-Juvenil e CAPES.

² Resultado do trabalho final para a disciplina *Escola, memória, cultura escrita*, ministrada pelos professores Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot e Dr. Roberto Luís Torres Conduro no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PROPEd-UERJ, em 2005.

³ *Doutoranda em Educação, Bolsista: CNPq. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPed, Linha de Pesquisa:*

Instituições, práticas educativas e História, *Orientadora: Profa. Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot*.

³ Todas as crônicas utilizadas estão publicadas em: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. 4v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

⁴ Segundo Lamego (1996:27-28), *nenhum concorrente do Diário de Notícias, mesmo os jornais do grupo dos Diários Associados de Chateaubriand ou o mais popular dos matutinos de 1930, o Correio da Manhã, se dispôs a publicar uma página diária sobre um assunto tão específico, a princípio, como educação*. Em nota de rodapé, acrescenta: *o assunto, no entanto, era altamente discutido e debatido em artigos isolados nos grandes jornais da época. Fernando de Azevedo, por exemplo, escrevia com frequência para o Correio da Manhã, que, durante a década de 30, deu destaque à educação em matérias sobre a reforma do ensino e os projetos de reforma (...)*. A seguir enumera artigos assinados e não assinados publicados em jornais cariocas nesse período e acrescenta que, somente em 1933, outro jornal, o *Correio da Manhã*, teria uma coluna semanal denominada “Academias e escolas”, dedicada à divulgação de eventos, inscrição de alunos e concursos públicos para professores.

⁵ Cecília Meireles esteve à frente da “Página de Educação” durante 32 meses, ou seja, de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933.

⁶ Para maiores informações, ver: VIÑAO e ESCOLANO, 1998.

⁷ A autora atenta para o fato de que o seu trabalho, *devido à dispersão dos elementos a pesquisar e à dificuldade de reconhecer um levantamento como completo, deve ser considerado como sendo de*, e não *dos prédios*, em questão.

⁸ Segundo SISSON (1990:17), o prédio do Jardim de Infância Marechal Hermes, em Botafogo, já possuía essas dependências desde a sua inauguração em 1909, projeto provavelmente inspirado nos *kindergarten* alemães.

⁹ Nesse período, Fernando de Azevedo, ex diretor de Instrução do Distrito Federal entre 1927 e 1930, atuava como professor de Sociologia no Instituto Pedagógico de São Paulo.

¹⁰ A citação de Azevedo, embora demasiado longa, foi propositalmente inserida porque oferece uma síntese das concepções que fundamentam a política de edificações escolares efetivada durante a sua gestão.

¹¹ Refere-se à Reforma Fernando de Azevedo.

¹² Como era denominada, à época, a merenda escolar. Na escola em questão, o Copo de Leite não era sustentado pela Caixa Escolar, mas por donativos mensais de duas senhoras da sociedade. Constituíam-se de leite, pão e manteiga às segundas-feiras; canjica às terças e sextas-feiras e mingau às quartas e sábados.

¹³ Apesar de precisar contar com a contribuição dos professores para complementar a verba pública, a Caixa Escolar, distribuía uniformes, calçados, passagens e material didático aos alunos carentes.

Capítulos de livros publicados

¹PIMENTA, Jussara Santos. **Leitura e encantamento**: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima. (Org.). *Cecília Meireles*: a poética da educação. Rio de Janeiro, 2001, v. Único, p. 105-119.

Trabalhos em eventos

¹PIMENTA, Jussara Santos. **O Brasil e a sua educação**: conferências de Cecília Meireles em Portugal. In: *VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 2006, Uberlândia.

²PIMENTA, Jussara Santos. **Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco** (1934-1937). In: *13^o COLE - CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: COM TODAS AS LETRAS, PARA TODOS OS NOMES*, 2001, Campinas.

³PIMENTA, Jussara Santos. **Pavilhão Mourisco**: biblioteca e educação em Cecília Meireles. In: *24^a REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 2001, Caxambu. 2001.

⁵MENDONÇA, Ana Waleska P C; CAVALCANTI, Maria Teresa; GOUVEA, Fernando; PIMENTA, Jussara Santos. **Pensamento e ação de Anísio Teixeira**: a Capes dos anos 50/60. In: *V CONGRESSO IBERAMERICANO DE HISTÓRIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA*, 2001, San José, 2001.

⁶MENDONÇA, Ana Waleska P C; CAVALCANTI, Maria Teresa; GOUVÊA, Fernando; PIMENTA, Jussara Santos. **Pensamento e ação de Anísio Teixeira**: a Capes dos anos 50/60. In: *I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. EDUCAÇÃO NO BRASIL: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA*, 2000, Rio de Janeiro.

⁷PIMENTA, Jussara Santos. **Cecília Meireles e a formação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco** (1934-1937). In: *V CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES*, 2001, Ouro Preto. Humanidades, Universidade e Democracia - Caderno de Resumos. 2001. v. Único, p. 163-163.

Artigos completos publicados em periódicos

¹PIMENTA, Jussara Santos. **Habent sua fata libelli**: os livros têm o seu destino. Um exercício comparativo d’A Cultura Brasileira e Educação e Desenvolvimento no Brasil. *Revista Histedbr On Line*, Campinas v. 5, 2002.

²PIMENTA, Jussara Santos. **Pré-escola**: necessidade ou regalia? *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, v. 27, n. 1, p. 49-55, 2002.

³PIMENTA, Jussara Santos. **Voltaire**: o verzejador, o literato, o comunicador. *Revista Metavnoia 4*, São João del Rei, v. 4, p. 53-66, 2002.

⁴PIMENTA, Jussara Santos. **Pré-Escola**: necessidade ou regalia? *Revista de educação CEAP*, Salvador - Bahia, v. IX, p. 55-59, 2001.

⁵PIMENTA, Jussara Santos. **Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem**. Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). *Revista Histedbr On-Line*, Campinas, v. 4, 2001.

Referências

AZEVEDO, Fernando de. **A arte, como instrumento de educação, na Reforma**. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12/03/1930.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. **As inovações pedagógicas da Escola Nova no Distrito Federal no anos 30**: seus avanços e limites. In: *24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd*, Caxambu. 2001.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. **O cotidiano da Escola Argentina**, durante a reforma pedagógica de Anísio Teixeira, no antigo Distrito Federal na primeira metade dos anos 30, 2003.

VIÑAO FRAGO, Antonio, ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 26-57.

HERNANDEZ DIAZ, José Maria. **Etnografia e história material de la escuela**. In: ESCOLANO BENITO, Agustín, HERNANDEZ DIAZ, José Maria. (coords). *La memoria e el deseo*: cultura de la escuela y educación deseada. Valencia. Tirant lo Blanch, 2003. pp. 225-246.

MEIRELES, Cecília. **A escola para as crianças**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 23 de novembro de 1930.

MEIRELES, Cecília. **A Gravidade de ser Interventor**. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 07/10/31.

MEIRELES, Cecília. **A responsabilidade da imprensa**. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 23 de setembro de 1930.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação**. 4v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Escola atraente**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 31 de julho de 1930.

MEIRELES, Cecília. **Nossas escolas**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 16 de novembro de 1932.

MEIRELES, Cecília. **O ambiente escolar**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 25 de junho de 1930.

MEIRELES, Cecília. **Percorrendo as escolas do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 19 de novembro de 1932.

MEIRELES, Cecília. **Percorrendo as escolas do Distrito Federal.** Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 22 de novembro de 1932.

MEIRELES, Cecília. **Prédios Escolares.** Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 09 de dezembro de 1930.

NUNES, Clarice. **A gestão política dos profissionais da educação:** uma revisão histórica. Educação e Sociedade. n. 21. maio/agosto, 1985. p. 99.

NUNES, Clarice. **Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca.** HERSCHMANN, Micael, KROPP, Simone, NUNES, Clarice. Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937. 10 ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.p. 155-224.

SISSON, Rachel. Rio de Janeiro, 1870/1945. **Escolas públicas do primeiro grau.** Inventário, tipologia, história. Arquitetura Revista, Rio de Janeiro, FAU/UFRJ, v. 8, 1990, pp. 63-78.

TEIXEIRA, Anísio. **Discurso de posse do Diretor Geral de Instrução Pública.** Boletim de Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, jan./jun. 1932, p. 75-76.

TEIXEIRA, Anísio. **Os prédios e o aparelhamento escolares.** In: TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 247-248.

TEIXEIRA, Anísio. **Reajustamento do Ensino Primário do Distrito Federal.** A exposição de motivos apresentada pelo Dr. Anísio Teixeira e o decreto baixado pelo interventor Dr. Pedro Ernesto. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 29/01/32.

Vínculo Institucional:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Programa de Pós-Graduação em Educação – Proped
Linha de Pesquisa: Instituições, práticas educativas e História
Orientadora: Profa. Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot

Endereço:

*Rua Humaitá, 172/1001 – Bairro Humaitá – CEP: 22.261-001
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
E-mail: jspimenta@yahoo.com.br ou js_pimenta@terra.com.br
Tels.: (21) 2266-1816 e (21) 8707-1200*

Abstract

The objective of this work is to understand how Cecília Meireles’s chronicles, published in “Página de Educação” of the periodical *Diário de Notícias*, from June 12th 1930 to January 12th 1933, contributed to spread the innovations introduced by the education reformers Fernando de Azevedo and Anísio Teixeira in the organization of school spaces in Distrito Federal. This work also focuses on how the educator and journalist Meireles, through her articles, discussed, criticized, debated and stimulated intellectuals and public opinion in Rio de Janeiro, thinking about the routes of education. The documental sources used were “Crônicas de Educação” by Cecília Meireles, published in the newspaper *Diário de Notícias* during the period coinciding with the last years of Fernando de Azevedo’s reformation and the early years of Anísio Teixeira’s reformation.

Keywords: Cecília Meireles, Escola Nova, Material Culture, School Architecture.